



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE  
PROJETO FINAL EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015.**

Ana Laura Morais Loyola

Brasília - DF

2015



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE  
PROJETO FINAL EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015.**

Ana Laura Morais Loyola

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, sob a orientação da Profa. Dra. Elen Geraldês.

Brasília - DF

2015



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE  
PROJETO FINAL EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Membros da Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Elen Geraldes

Profa. Dra. Janara Sousa

Profa. Luísa Guimarães Lima

Suplente: Profa. Vanessa Negrini

Brasília - DF  
2015

## **Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015.<sup>1</sup>**

Ana Laura Morais Loyola <sup>2</sup>

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar as principais motivações das manifestações de junho de 2013 e março de 2015, por meio de uma análise de conteúdo e de discurso de 123 cartazes levados pelos protestantes nesses dois momentos. Para a realização desta análise, foi feita, previamente, uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos dos meios que protagonizaram esses dois momentos: os cartazes e as mídias sociais da Internet, abordando a influência de ambos na participação popular. Realizada a revisão teórica, reconheceu-se que a convergência midiática também se fez presente na participação popular. Constatou-se que as mídias sociais exerceram a função de mobilizar, enquanto os cartazes evidenciaram as principais causas das manifestações. Feita a análise, comprovou-se que as duas manifestações possuíam motivações divergentes, resultado dos contextos social, político e econômico vivenciados no país nesses dois momentos. Em 2013, as temáticas mais recorrentes foram o apoio ao ato de manifestar-se e as reivindicações de políticas públicas específicas. Já em 2015, a indignação com a corrupção e a impunidade, e a insatisfação com o governo atual foram os principais temas presentes nas manifestações.

Palavras chave: Comunicação, Manifestações de 2013 e 2015, Participação Popular, Cartazes, Mídias Sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília (UnB)

<sup>2</sup> Graduanda Ana Laura Morais Loyola - email: analaura.mloyola@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo viveu na primeira e na segunda décadas do século XXI uma série de manifestações contra governos autoritários ou até democráticos, reivindicando eficiência nos serviços públicos, ética e transparência, entre outras demandas.

Uma das manifestações mais significativas dos últimos anos foi a Primavera Árabe, onda de protestos ocorrida no Oriente Médio e no norte da África. As manifestações tiveram início em 2010 na Tunísia com o propósito de derrubar o então governo ditatorial e em seguida acabaram atingindo outros países como o Egito, a Argélia e a Líbia. Todas essas manifestações representavam lutas contra os regimes autoritários dos países e foram intensificadas por meio da difusão de informações pelas mídias sociais, dentre outros meios de comunicação<sup>3</sup>.

Recentemente, a história brasileira também foi marcada por duas grandes manifestações, como há muitos anos não ocorria no país. A indignação geral com problemas como a corrupção, desigualdade social, miséria, má gestão do dinheiro público e péssima qualidade de serviços básicos como saúde, educação e transporte foram alguns dos motivos que levaram multidões às ruas, tanto no ano de 2013, quanto em 2015 em todo o Brasil.

Em junho de 2013, o cenário de insatisfação do povo brasileiro em relação à política ganhou uma força como não acontecia desde os “Caras Pintadas”<sup>4</sup>. As manifestações começaram em São Paulo, após o aumento de vinte centavos da tarifa de ônibus. Contudo, quando o movimento ganhou um maior apoio popular, as reivindicações se diversificaram, passando a ser contra os gastos com a Copa do Mundo de 2014, a aprovação da PEC 37<sup>5</sup>, a corrupção, a má qualidade dos serviços públicos, entre outras. Essa grande pluralidade de exigências era percebida nos diversos cartazes levados pelos manifestantes na jornada de junho de 2013, atingindo seu auge

---

<sup>3</sup> Dados sobre outros meios de comunicação disponíveis em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT05-Comunicacao-e-sociedade-civil-VivianPatriciaPeronVieira1.pdf>>. Acesso em 09/06/2015.

<sup>4</sup> Movimento, constituído principalmente por jovens, realizado em 1992 no Brasil com o objetivo de protestar contra o então presidente, Fernando Collor.

<sup>5</sup> Proposta de Emenda à Constituição que dá poder exclusivo à polícia para realizar investigações criminais, retirando assim essa possibilidade do Ministério Público.

no dia 20 de junho<sup>6</sup>. As manifestações levaram a presidenta a realizar um pronunciamento pela televisão aberta e pelo rádio, com o objetivo de propor uma reforma política e acalmar os ânimos populares.

Apesar de o movimento ter perdido sua força com o passar do tempo, as manifestações resultaram em algumas mudanças, como a redução da tarifa nas cidades de SP e RJ e a aprovação do projeto que tornava corrupção como crime hediondo pelo Senado, entre outras.

No ano de 2015, aconteceram grandes manifestações em dois momentos distintos. Em meio ao aumento de gastos com gasolina e energia e ao escândalo político envolvendo a Petrobras<sup>7</sup>, no dia 15 de março multidões foram às ruas em várias cidades do Brasil<sup>8</sup>, público que, segundo o Datafolha, foi o maior desde as “Diretas Já”<sup>9</sup>. De acordo com o órgão de pesquisa, os principais motivos do movimento eram manifestar-se contra a corrupção e o Partido dos Trabalhadores (PT), pedir o *impeachment* da presidenta Dilma e repudiar a classe política<sup>10</sup>. No mesmo dia, dois ministros foram escalados pela presidenta para realizar um pronunciamento oficial diante das críticas feitas ao governo.

No dia 12 de abril, os manifestantes voltaram a se mobilizar, porém em uma escala muito menor. As reivindicações eram basicamente as mesmas do dia 15 de março.

Feita a contextualização dessas duas manifestações, destaca-se o objetivo central deste artigo, o qual visa responder às seguintes perguntas: o que queriam os manifestantes nesses dois momentos? E como dois meios tão distintos – os cartazes e as mídias sociais – contribuíram para a participação popular?

Ainda referente ao âmbito comunicacional estuda-se como se dá a convergência midiática na participação popular contemporânea. Seu objetivo é compreender a relação existente entre os

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis em: <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb>>. Acesso em 26/05/2015.

<sup>7</sup> Uma das principais empresas brasileiras, caracterizada por ser de capital aberto, cujo acionista majoritário é a União Federal.

<sup>8</sup> Dados disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603271-paulista-reune-maior-ato-politico-desde-as-diretas-ja-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 26/05/2015.

<sup>9</sup> Movimento ocorrido entre 1983 e 1984 com o propósito de reivindicar pela volta das eleições diretas presidenciais no Brasil.

<sup>10</sup> Dados disponíveis em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604284-47-foram-a-avenida-paulista-em-15-de-marco-protestar-contra-a-corrupcao.shtml>>. Acesso em 26/05/2015.

antigos e novos meios de comunicação diante de práticas de participação popular, como as manifestações.

Em vista do esforço pela compreensão das principais motivações que levaram às manifestações, também são resgatadas contribuições da Ciência Política e da Sociologia, áreas afins na discussão desta temática.

## **2. A NOVA PARTICIPAÇÃO POPULAR**

O que são manifestações? Como podemos defini-las? Nosso primeiro empenho foi buscar em dicionários e obras de Ciência Política, Sociologia e História tal conceito ou até mesmo conceitos afins que auxiliassem na apreensão do fenômeno. Diante de uma ausência conceitual, definiu-se para uso deste estudo, manifestação como a “ação conjunta de pessoas conglomeradas que possuem objetivos em comum, seja para protestar ou apoiar determinadas causas”.

Ao falar em ação conjunta, objetivos comuns, protestos, logo vem à mente o conceito de sociedade civil, definido desta forma por Scherer-Warren (2006, p.110):

[...] a sociedade civil é a representação de vários níveis de como os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas.

À vista disso, a participação popular consiste em diversas práticas da sociedade civil na busca pelo exercício da cidadania, como no caso das manifestações. Nesse momento, destaca-se a importância do saber comunicacional, que irá estudar a mudança da participação popular a partir dos meios de comunicação, sejam eles os tradicionais ou as mídias sociais, que contribuem tanto para a promoção, quanto para a construção de tais práticas.

No entanto, é importante diferenciar, primeiramente, os conceitos de mídias e redes sociais<sup>11</sup>. As redes sociais são ambientes constituídos por pessoas que possuem alguma ligação e interesses em comum. Isto é, são voltadas para o relacionamento de seus usuários. Já as mídias

---

<sup>11</sup> Conceitos disponíveis em: <<http://www.midiatismo.com.br/comunicacao-digital/qual-a-diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>>. Acesso em 01/06/2015.

sociais são meios utilizados para difundir mensagens de forma descentralizada, ao mesmo tempo que também permitem a interação entre seus usuários. Logo, dependendo do uso feito das redes sociais, essas podem tornar-se mídias sociais. O conceito de mídias sociais, portanto, é o que se encaixa melhor diante do direcionamento de estudo deste trabalho.

Desde o surgimento dessas mídias em 1984, com a criação da rede Milnet, a Internet tornou-se um ambiente utilizado para a organização da sociedade civil, de acordo com Malini e Antoun (2013). A possibilidade de interação e troca de informações são fatores que facilitam a ação coletiva nesses meios. Essas, dentre outras particularidades, fizeram com que o advento dessas tecnologias resultasse em mudanças na estrutura da sociedade como um todo, como no caso das esferas política, cultural e social.

Essas transformações tornaram-se objeto de estudo de diversos pesquisadores, como no caso de Coelho (1997). Para o autor, a dimensão política é modificada pela ruptura dos modelos políticos tradicionais, devido aos processos interativos de comunicação nas tomadas de decisão coletivas. Já a dimensão social é impactada pela facilidade de mobilização de grupos na Internet, devido a sua estrutura que é mais democrática e está fora do controle das classes dominantes.

As mudanças abordadas por Coelho (1997) são consequências das particularidades que constituem as mídias sociais. A relação das pessoas com essas novas tecnologias revolucionou a esfera da comunicação, levando à necessidade de investigar-se a dinâmica comunicacional desses meios, como realizado nas obras de Castells (2001) e Malini e Antoun (2013).

Dentre as características dessas mídias que facilitam a organização da sociedade civil, Castells (2001) destaca dois pontos principais. O primeiro é a valorização da comunicação livre e horizontal, baseada na liberdade de expressão de muitos para muitos e o segundo refere-se à possibilidade de qualquer usuário poder formar sua própria rede como instrumento de organização, ação coletiva ou construção de significado, visto que tais redes se estabelecem por meio da identificação dos usuários uns com os outros.

Outro ponto primordial na compreensão da eclosão de articulações nas mídias sociais é a sua propensão para difundir conteúdos, devido ao seu poder de alcance global e sua alta velocidade de difusão. A disseminação de informação que fortalece a organização da sociedade civil nessas redes pode ser entendida pela natureza de multimídia existente na Internet, o que faz o ato de compartilhar ser ainda mais poderoso quando essa informação permeia várias plataformas nesse meio, atingindo assim um número ainda maior de receptores. Malini e Antoun (2013, p. 184)



acreditam que as multimídias “organizam uma linguagem cooperativa, dialógica, múltipla e comum. Esta linguagem vai criar uma onda integrada, revelando as perspectivas independentes de opinião.”. Logo, a colaboração na construção e difusão de conteúdos são fatores de extrema importância para entender essa organização.

A relevância das mídias sociais nas práticas de participação popular na atualidade está igualmente relacionada ao sentimento de empoderamento dos usuários dessas mídias. Hoje, esses cidadãos comuns podem ser distribuidores de informação, além de se tornarem fiscais da legitimidade do conteúdo que recebem. Como consequência dessa mudança no âmbito comunicacional, as manifestações contemporâneas não são mais pautadas, de modo principal ou exclusivo, pelos meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão o faziam anteriormente.

Atualmente, as manifestações são, muitas vezes, fruto do engajamento nas mídias sociais. Para Malini e Antoun (2013) essas mídias, chamadas também de mídias distribuídas, exercem hoje um papel de construção de pensamento da sociedade, assim como feito pelas mídias tradicionais anteriormente. Contudo, para os autores, seu efeito é mais duradouro, pois quando a informação chega a um usuário das mídias sociais por meio da sua rede de relacionamento tem-se a sensação de que “meu amigo recomendou”, o que gera um sentimento de confiança maior.

Percebe-se que a atual organização da sociedade civil é marcada por uma atividade intensa dos cidadãos envolvidos, no qual todos se tornam responsáveis pela sua articulação. Diante dessa circunstância, surge a discussão sobre a possível ausência de lideranças nas novas participações populares, como abordado por Martins (1997) e Scherer-Warren (2006). Martins (1997) acredita que a ausência de líderes pode ser positiva para os movimentos, pois, segundo ele, existem dois tipos de mudanças sociais. As heterônomas, orientadas por um líder ou autoridade, e as autônomas, realizadas a partir de um consenso, na qual todos são sujeitos, fazendo com que essas transformações sejam mais duradouras. Já Scherer-Warren (2006), destaca que mesmo nas redes existem relações de hierarquia, as quais são essenciais para o empoderamento dos movimentos.

Apesar da utilização das mídias sociais ser significativa para o surgimento e organização desses movimentos, sabe-se que para que seus objetivos sejam alcançados é necessário ir além. Caso milhares de pessoas não tivessem ido às ruas se manifestar em 2013 e 2015, dificilmente tais movimentos teriam a mesma visibilidade. Ademais, seria um ato displicente falar das

manifestações sem registrar a importância da utilização dos cartazes nessas mobilizações populares, uma mídia que atravessa o século XX como espaço de demandas políticas e de participação popular, como abordado por Moles (1974).

Os cartazes, muito utilizados para fins publicitários, também exercem função de explicitar as ações de uma organização. Para Moles (1974, p. 46), “O cartaz se tornou, pois, um elemento do mecanismo social. É um modo de comunicação de massa criado para servir de auxiliar a um sistema institucional qualquer.”. Dentre as funções expostas pelo autor que esse meio pode exercer, é interessante destacar, diante do que tem sido trabalhado neste artigo, a de propaganda, uma vez que sua utilização tem o propósito de tornar visíveis as causas pelas quais as pessoas estão se manifestando.

A utilização de uma mídia tão antiga juntamente das novas tecnologias, como as mídias sociais na Internet, resultou em uma nova dinâmica comunicacional, assunto trabalhado por Jenkins (2009). O autor faz uma abordagem em sua obra sobre a falsa ideia de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos. Para Jenkins (2009), a coexistência desses meios teve como consequência a consolidação do que o autor chama de cultura de convergência. “Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos por meio de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...]” (JENKIS, 2009, p. 29). A partir desse conceito, torna-se possível compreender a convergência midiática presente nas manifestações. Apesar da intensa utilização das novas tecnologias para organização da sociedade civil, os meios de comunicação tradicionais, mesmo que adaptados a essa nova realidade, ainda exercem um importante papel na participação popular. Enquanto as mídias sociais foram utilizadas para mobilizar, os cartazes materializaram os objetivos das manifestações.

Segundo Jenkins (2009), esse novo tipo de engajamento político é uma consequência do que os consumidores aprenderam com a nova cultura popular, na qual a convergência das mídias é resultado de uma constante busca por entretenimento e participação ativa desses consumidores. Para muitos usuários, as mídias sociais são utilizadas, inicialmente, como forma de entretenimento e acabam se tornando um meio de ativismo, quando despertado o interesse pela vida política.

Realizados esses estudos, persiste a pergunta diretriz deste trabalho: e o que diziam esses usuários e, posteriormente, manifestantes em 2013 e 2015? Para responder a esse questionamento, fomos aos cartazes.

### 3. O CAMINHO DA PESQUISA

A coleta dos cartazes se deu por meio de fotos disponibilizadas pelo portal do G1, o qual foi escolhido por possuir galerias das duas manifestações, ambas com um grande número de fotos, quando comparado a outros portais. Além do mais, foi necessário definir um mesmo portal, no qual existissem imagens suficientes das duas manifestações para que a análise não sofresse influência em seu resultado por conta de posicionamentos diferentes em relação aos dois acontecimentos. Por fim, o portal do G1 foi escolhido por ser reconhecido pelo seu profissionalismo e pela qualidade de sua produção. É importante destacar, porém, a relevância e o papel do G1 no meio comunicacional, visto que o portal faz parte do Grupo Globo, principal conglomerado de comunicação do país. Logo, seria ingênuo acreditar que o conteúdo disponibilizado no portal é isento de um posicionamento do mesmo em relação às manifestações. Portanto, mesmo que se busque realizar uma análise sem influências externas, esta já está relativamente condicionada ao olhar que o G1 buscou passar para seu público a partir do material divulgado no portal.

Para a realização das análises foram explorados 57 cartazes das manifestações da jornada de junho de 2013<sup>12</sup> e 66 da manifestação do dia 15 de março de 2015<sup>13</sup>, visto que essa última foi a com maior dimensão no ano em questão. Devido ao grande número de cartazes, foi necessário realizar, depois de uma leitura exploratória, uma categorização dos temas presentes nessas mídias para então proceder com a análise. Segundo Bardin (1977, p.36, grifo do autor), a análise categorial “[...] pretende tomar em consideração a totalidade de um «texto», passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido.”. Utilizou-se essa técnica, pois seria inviável explorar cada cartaz separadamente em virtude da quantidade existente. Portanto, a partir de uma observação prévia dos textos dos cartazes criaram-se seis categorias, as quais enquadraram em temas gerais as diversas causas expostas. A enumeração foi realizada por meio da observação da frequência com que tais temas apareceram

---

<sup>12</sup> Fotos disponíveis em: <<http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>>. Acesso em 29/05/2015.

<sup>13</sup> Fotos disponíveis em: <<http://g1.globo.com/politica/fotos/2015/03/fotos-manifestacoes-pelo-brasil-neste-domingo-15.html>>. Acesso em 29/05/2015.

nos cartazes. Após esses procedimentos, mensuraram-se os resultados para a posterior interpretação dos dados obtidos, que se tornaram importantes pistas para uma leitura discursiva.

Em seguida, iniciou-se a análise de discurso, a qual “[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária.” (ORLANDI, 2007, p. 34). Ou seja, nesse tipo de análise são considerados não somente os elementos textuais de um discurso, mas toda a sua conjuntura. Para considerar as condições de produção de um discurso em seu sentido amplo é necessário entender o contexto sócio histórico no qual ele foi construído. Portanto, para a realização da análise também foram feitas leituras de Hirschman (1992), Antunes (2013), Martins (2013), entre outros, as quais abordavam aspectos históricos, sociais e políticos, contribuindo assim para uma melhor interpretação do material explorado.

Orlandi (2007) ainda faz uma abordagem em sua obra sobre o conceito de memória discursiva, a qual é tratada como interdiscurso. Essa memória determina o que é relevante para a discursividade de acordo com suas condições de produção. Isto é, como o que já foi dito anteriormente em determinada ocasião pode afetar o que está sendo dito em outro momento. Essa concepção tem como consequência a ideia de que todo discurso se relaciona com outro já existente.

Todos esses pontos discutidos por Orlandi (2007), dentre outros não explicitados neste trabalho, foram essenciais para a realização da análise dos discursos dos cartazes das manifestações em questão. Pois, para compreender as mudanças aparentes das reivindicações de 2015 em relação a 2013, foi necessário refletir sobre a relação existente entre essas duas manifestações, e até mesmo a relação delas com outros acontecimentos que as influenciaram. Ademais, os conceitos trabalhados por Orlandi (2007) auxiliaram na interpretação da presença ou ausência de determinados temas nas duas manifestações, levando a uma compreensão mais profunda das particularidades que compuseram cada uma.

#### **4. UM PRIMEIRO OLHAR**

Como já explicado anteriormente, para compreender as principais motivações das manifestações de 2013 e 2015 foi necessário estabelecer categorias com os temas mais reincidentes

nas duas manifestações. A seguir, serão apontadas as categorias criadas, juntamente com a explicação do porquê de tais escolhas.

**1- Reivindicação de políticas públicas específicas:** essa categoria compreende as seguintes temáticas– apoio ao investimento às áreas da saúde, educação e segurança, exigência de direitos dos grupos indígenas e apoio a reformas política e tributária. Algumas dessas reivindicações podem ser representadas pelos cartazes “Quantas escolas valem um maracanã?”, “Fim da reeleição” e “Também quero respeito aos direitos indígenas”.

**2- Apoio ao ato de manifestar-se:** essa categoria compreende as seguintes temáticas– convocação da população para ir às ruas, apoio à liberdade de expressão e responsabilização da sociedade como um agente das mudanças sociais almeçadas pela mesma. “Quando injustiça se torna rotina, revolução se torna DEVER.”, “Para mudar o país é bomba! Para fazer protesto é bomba! E a galera caminha assim... #omovimentoésexy!”, “Intervenção militar NÃO. Intervenção popular SIM” são alguns dos cartazes que manifestavam essas causas.

**3- Insatisfação com o governo atual:** essa categoria compreende as seguintes temáticas– indignação com políticos específicos, revolta com aspectos econômicos do país e insatisfação com o modelo político adotado pelo mesmo. Os cartazes “Mais felicidade, menos Feliciano!”, “Tomate mais caro que o dólar! Isso é uma vergonha!” e “O Brasil não será uma nova Cuba” são algumas das representações dessas temáticas.

**3.1- Insatisfação com a presidenta Dilma:** fez-se necessário criar uma subcategoria para esse tema, visto que foi constatado que a insatisfação com o governo estava muita vezes ligada à imagem da própria presidenta. Essa temática pode ser representada pelos seguintes cartazes: “Dilma nós não acordamos fortes. Nós somos fortes!!!”, “Dilma 7% aprovação”, “O Brasil mostra sua cara. Dilma fecha os olhos.”.

**4- Impeachment:** essa categoria compreende a temática que representa o apoio, muito recorrente nas manifestações de 2015, ao *impeachment* da presidenta Dilma. Os cartazes “Vamos ressuscitar o Brasil. Impeachment já. Fora Dilma, Lula e seus comparsas”, “Impeachment não é golpe”, “O Brasil inteiro grita: Fora Dilma” são algumas das representações desse tema.

**5- Intervenção Militar:** essa categoria compreende a temática que representa a reivindicação, também recorrente nas manifestações de 2015, da intervenção militar como solução para o atual impasse político no país. “SOS Forças Armadas. Nossa última chance.”, “Intervenção

militar. Fora CorruPTos” e “Intervenção militar já! Só o povo nas ruas tem o poder!” são alguns dos textos dos cartazes que manifestavam essa temática.

**6- Indignação com a corrupção e a impunidade:** essa categoria compreende as seguintes temáticas– indignação com os usuais escândalos de corrupção do país e especificamente com os desvios de verba referentes à Copa do Mundo, às Olimpíadas e à Petrobras, e revolta com a impunidade dos envolvidos nos casos. Os cartazes “Brasil nas Olimpíadas. Campeão de saltos orçamentais!”, “Petrolão. Pega ladrão”, “Por uma justiça menos cega, surda e manca” são alguns exemplos da presença desse tema nas manifestações.

Para ilustrar melhor o material analisado, foram compilados alguns cartazes das duas manifestações, como destacado nas figuras a seguir.

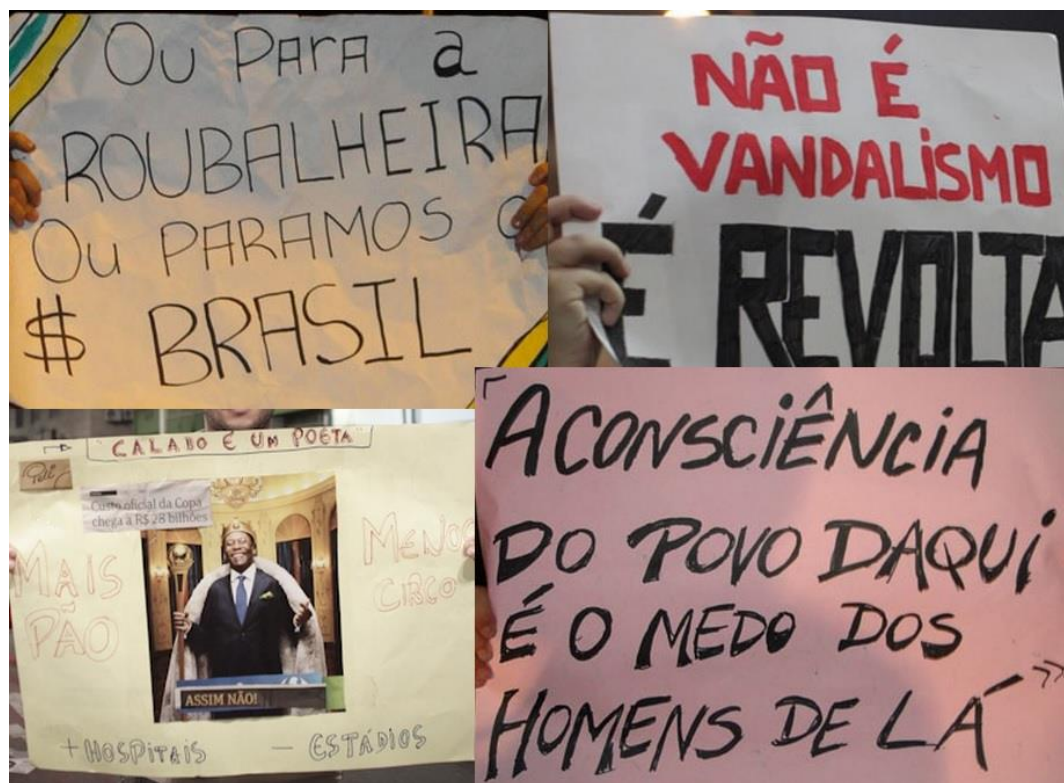


Figura 1: montagem de cartazes das manifestações de 2013, feita a partir de fotos disponibilizadas pelo portal G1.



Figura 2: montagem de cartazes das manifestações de 2015, feita a partir de fotos disponibilizadas pelo portal G1.

A partir da exploração do material escolhido por meio da categorização dos temas presentes, chegou-se aos seguintes resultados da análise dos cartazes das manifestações de 2013 e 2015 representados nos quadros a seguir.

**Quadro 1- Frequência de aparição dos temas em 2013**

Tema		Frequência	Porcentagem
1-	Reivindicação de políticas públicas específicas	17	29,82%
2-	Apoio ao ato de manifestar-se	21	36,84%
3- 3.1	Insatisfação com o governo atual Insatisfação com a presidenta Dilma	16 (2)	28,07% (3,50% do total)
4-	<i>Impeachment</i>	0	0%

5-	Intervenção Militar	0	0%
6-	Indignação com a corrupção e impunidade	3	5,26%
Total		<b>57</b>	<b>100%</b>

FONTE: Ana Laura Loyola, 2015.

### Quadro 2- Frequência de aparição dos temas em 2015

Tema		Frequência	Porcentagem
1-	Reivindicação de políticas públicas específicas	4	6,06%
2-	Apoio ao ato de manifestar-se	7	10,60%
3- 3.1	Insatisfação com o governo atual Insatisfação com a presidenta Dilma	15 (7)	22,72% (10,60% do total)
4-	<i>Impeachment</i>	11	16,6%
5-	Intervenção Militar	9	13,63%
6-	Indignação com a corrupção e impunidade	20	30,30%
Total		<b>66</b>	<b>100%</b>

FONTE: Ana Laura Loyola, 2015.

Esses resultados, obtidos por meio da categorização dos temas, contribuíram para a realização da análise do discurso feita em seguida.

## 5. VOZES DO POVO



Em 2013 a aparição do tema “Apoio ao ato de manifestar-se” em uma quantidade maior em relação aos demais pode ser compreendida por diversos fatores. Dentre eles, é possível destacar o que Antunes (2013) denomina como fim da letargia da população brasileira, quando o povo, depois de tantos anos insatisfeito com as condições às quais estava exposto, saiu de sua zona de conforto e decidiu se opor a essa situação. Outro ponto crucial para o entendimento desse resultado foi a postura altamente violenta assumida pelos policiais nas manifestações de 2013 e até mesmo o discurso inicial produzido pela mídia, qualificando as mobilizações como atos de vandalismo. O sentimento de empoderamento criado pelas mídias sociais também foi um possível fator que exerceu influência na forte presença desse tema, visto que a utilização desses meios passou a facilitar o acesso a informações e a própria organização da sociedade civil. Essas situações, juntamente do sentimento resgatado de responsabilidade social em grande parte da população foram alguns dos aspectos que levaram à construção de cartazes relacionados a esse tema.

Percebe-se também uma presença considerável dos temas “Reivindicação de políticas públicas específicas” e “Insatisfação com o governo atual”. Segundo Martins (2013), “A principal característica das políticas públicas dos governos Lula e Dilma petistas foi a manutenção da financeirização da economia. Quase metade do orçamento público continuou comprometido com pagamentos de juros e amortizações da dívida.”<sup>14</sup>, situação que, segundo o autor, levou ao baixo investimento nos direitos sociais. Como consequência dessa ausência, os temas em questão apareceram com uma frequência semelhante. Essa incidência pode ser entendida por um fato marcante desse momento: a realização da Copa das Confederações, evento que antecedeu à Copa do Mundo de 2014. Nesse período, ficou evidente para a população o quanto o Brasil investiu para produzir esse evento mundial, ao passo que o país não proporcionava serviços básicos de qualidade aos seus cidadãos, como no caso do transporte, motivação inicial do estopim das manifestações.

Nesse momento, era preponderante uma revolta contra a instituição do Estado em si, e não apenas contra o governo vigente. Para Martins (2013) essas manifestações representaram uma crise do projeto neoliberal brasileiro, o qual foi instituído no Brasil após o governo de Collor e durante o mandato de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Essa proposta voltada para o desenvolvimento capitalista e baseada em privatizações mostrou-se vulnerável no final da década

---

<sup>14</sup> Texto disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/08/a-primavera-brasileira-que-florescerao/>>. Acesso em 26/05/2015.

de 90, quando os países que a adotaram passaram a ter um alto endividamento estatal, perda de direitos sociais e trabalhistas e um aumento nos níveis de desemprego.

Antunes (2013) acredita que os governos de Lula e Dilma realizaram mudanças em relação a esse projeto, contudo essas não foram substanciais. Apesar das políticas sociais de ambos os governos terem sido voltadas para o combate à extrema pobreza e para a expansão das políticas de renda mínima, como o programa Bolsa-Família e o aumento do salário mínimo, as falhas de tais projetos fizeram com que ainda existisse uma alta vulnerabilidade social e econômica de grande parte da população do país. Foi diante dessa realidade social, caracterizada por diversas falhas nos deveres básicos que o Estado deveria assumir perante seus cidadãos, que a insatisfação com o modelo político estabelecido pelo país tornou-se visível em junho de 2013.

Por fim, o tema “Indignação com a corrupção e impunidade” é uma pauta bastante recorrente em diversas manifestações já existentes no Brasil e também esteve presente na jornada de junho. Contudo, baseando-se na análise dos cartazes em questão, essa causa não teve uma presença tão marcante em relação às demais. A presença não expressiva desse tema pode ser entendida por todo o contexto já explicado anteriormente, no qual deu-se mais importância ao incentivo à participação social, às reivindicações pontuais e à demonstração de insatisfação com o governo por diversos motivos. Outro aspecto que pode explicar a relativa ausência dessa causa nos cartazes é o fato de que nesse período nenhum grande caso de corrupção estava em destaque na mídia.

A partir da análise dos cartazes de 2015 tornou-se possível realizar uma comparação dessa manifestação com a jornada de junho de 2013. Nota-se que o principal tema dessa última foi a “Indignação com a corrupção e impunidade”. É possível afirmar que esse tema ganhou tamanha força após o escândalo de corrupção na Petrobras, uma das principais empresas brasileiras, a qual foi citada direta e indiretamente nos cartazes. Como já dito anteriormente, essa causa é comumente colocada em pauta nas manifestações no Brasil, como no caso da marcha contra a corrupção que chegou a reunir cerca de 25 mil manifestantes em Brasília no feriado de 7 de setembro no ano de 2011<sup>15</sup>. Apesar de o país ter um histórico de corrupção bastante conhecido, acredita-se que o escândalo da Petrobras é maior do que todos os outros já investigados e divulgados. A cobertura

---

<sup>15</sup> Dados disponíveis em: <<http://oglobo.globo.com/politica/manifestantes-participam-da-marcha-contracorrupcao-2702393>>. Acesso em 01/06/2015.

feita pela imprensa sobre o caso corroborou ainda mais para essa indignação geral, pois, segundo Martins Costa (2015) realizaram-se denúncias ostensivas ao PT, enquanto pouco se falou sobre a possibilidade do esquema de corrupção ter sido iniciado durante o governo FHC. Esse direcionamento é, possivelmente, um reflexo do posicionamento dos grandes meios de comunicação em relação ao atual governo, expressando, de tal forma, a insatisfação desse grupo com a atual situação política do país. Para Martins Costa (2015), o destaque feito pela mídia tradicional diante do escândalo pode ser considerado um artifício para atingir indiretamente o governo em questão. Essa abordagem resultou no início das vigorosas críticas ao governo Dilma, as quais passaram a ser reproduzidas por cidadãos inseguros com as situações política e econômica vivenciadas pelo país. Ademais, a crença de que muitos dos problemas presentes no Brasil são consequências da cultura enraizada pela corrupção e pela impunidade no país foi outro aspecto que deu ainda mais força a esse discurso.

O tema “Insatisfação com o governo atual” foi o segundo mais presente nos cartazes das manifestações de 2015. Essa causa também apareceu com uma grande frequência em junho de 2013 e estava muitas vezes relacionada ao investimento do país na Copa do Mundo e ao desagrado por políticos específicos, além da presidenta. Porém, em 2015, a referência direta à Dilma foi realizada em quase metade dos cartazes inclusos nessa categoria. Diante desse cenário, é possível analisar esses dados como uma busca dos cidadãos em apontar um responsável principal diante dos problemas enfrentados pelo país. Além disso, a eleição de 2014 foi um momento de extrema tensão política vivenciado no país, no qual estabeleceu-se uma polarização entre os eleitores de Dilma e seu principal rival, Aécio Neves, pertencente ao PSDB. Após a difícil vitória da presidenta, essa situação acabou resultando em um intenso descontentamento por parte dos milhões de brasileiros que eram contra a sua reeleição. É relevante, ainda, que se destaque as referências feitas ao Partido dos Trabalhadores (PT), cujo desgaste ocorreu fortemente após três gestões sucessivas do mesmo.

Também é importante ressaltar o surgimento das causas “*Impeachment*” e “Intervenção Militar”, as quais não foram mencionadas nos cartazes analisados em 2013 nenhuma vez. Segundo Martins (2013), diante dessa crise do modelo político implementado no país, surgem espaços para os extremos de direita e esquerda. Para o autor, apesar das classes burguesas terem sido beneficiadas durante os governos de Lula e Dilma, tais classes buscam a aproximação com grupos fascistas e golpistas quando atingidas diretamente pelos problemas do país. Apesar de serem

medidas extremas, ambas as soluções para o impasse político também representam uma insatisfação com o governo vigente e com a própria presidenta. Para Musse (2013), apesar de uma avaliação positiva do governo Lula, a rejeição pelas instituições políticas ganhou força, desde 2013, por dois principais motivos: a persistência da crise econômica iniciada em 2007 e a inflexão econômica ensaiada pelo governo de Dilma. Esse último fator é essencial para entender o discurso extremista manifestado em alguns cartazes nas manifestações de 2015, visto que se percebe uma maior insatisfação popular com a situação econômica do país, a qual é diretamente ligada ao mandato da presidenta.

Hirschman (1992) faz uma abordagem em sua obra sobre a aparição de discursos reacionários desde a Revolução Francesa. Segundo o autor, esses argumentos podem ser representados por três teses: a da perversidade, da futilidade e da ameaça. A primeira é baseada no argumento de que qualquer tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela se mova na direção contrária. A segunda afirma que toda mudança é de fachada e ilusória, pois existem estruturas profundas da sociedade que sempre permanecem intactas. E a terceira baseia-se no argumento de que se uma reforma for realizada vai colocar em risco outra já existente, trazendo mais prejuízos do que benefícios. Dentre as três teses definidas pelo autor, a que mais se enquadra no momento vivenciado no país é a tese da perversidade. Percebe-se uma constante argumentação de que as medidas tomadas pelos governos Lula e Dilma, principalmente as de cunho social, acabaram levando o Brasil a uma situação mais problemática do que anteriormente. Além do mais, utiliza-se o argumento de que as políticas sociais implementadas durante esses governos levaram à acomodação dos cidadãos assistidos por tais medidas. Portanto, os discursos pró *impeachment* e intervenção militar ganham ainda mais força diante dessas argumentações quando elas são apropriadas por um número maior de pessoas que passam a acreditar em tais teses, visto que essas já estão insatisfeitas com o governo vigente. Ademais, em sua obra Hirschman (1992) faz uma referência à utilização da tese da ameaça quando surgiram problemas governamentais em diversos países na década de 70. Apesar do mal estar vivenciado por esses países ter origens completamente diferentes, criou-se a justificativa de que todos esses problemas eram consequências de uma “crise de governabilidade das democracias”. Esse argumento também é apropriado pelos discursos reacionários nas manifestações de 2015, pois, para defender a intervenção militar como solução para a crise política do país, muitas vezes se alega a impossibilidade de se realizar um bom governo por meio da democracia.

Enquanto nas manifestações de 2013 os temas “Reivindicação de políticas públicas específicas” e “Apoio ao ato de manifestar-se” foram os mais recorrentes nos cartazes, em 2015 ambos foram os que menos apareceram. Em relação ao primeiro tema, essa fraca presença pode ser entendida por alguns fatores. O primeiro é que as manifestações de 2013 nasceram do Movimento Passe Livre e ganharam ainda mais força através do apoio dos estudantes e outros movimentos sociais de todo o país. Já as manifestações de 2015 não surgiram de movimentos tão articulados como em 2013, mas sim de uma indignação geral com a crise política e econômica do país, bem como com a corrupção na Petrobras e por conta de uma insatisfação com o resultado eleitoral. É perceptível, ainda, a mudança no perfil dos manifestantes nos anos de 2013 e 2015. Segundo uma pesquisa realizada com os manifestantes presentes na Avenida Paulista no dia 15 de março pelo Datafolha, a maioria dos participantes (27%) tinham uma renda de 5 a 10 salários mínimos e a média de idade dos manifestantes era de 40 anos<sup>16</sup>. Portanto, a maior parte do público presente nessas manifestações é constituído por pessoas que não dependem diretamente de serviços públicos, visto que tais cidadãos têm acesso à saúde e educação, por exemplo, de qualidade, em virtude das suas condições financeiras que lhes possibilitam pagar por tais serviços. Essa falta de dependência do apoio do Estado por uma parcela significativa dos manifestantes de 2015 reflete a ausência do discurso em prol de políticas públicas específicas nessas manifestações.

Em relação ao tema “Apoio ao ato de manifestar-se”, o qual foi o mais presente em 2013, é possível entender o pouco incentivo a essa causa por dois principais motivos. O primeiro, e principal, é a postura pacífica da polícia em relação aos manifestantes de 2015, situação bastante diferente do que a ocorrida em 2013. Esse primeiro fator também pode ser relacionado à presença do apoio à intervenção militar nessas manifestações, o qual não esteve presente nos cartazes da jornada de junho. O segundo ponto é o fato de que nesse momento os cidadãos brasileiros já haviam, devido às manifestações de 2013, saído do período de letargia que vivenciavam desde os “Caras Pintadas”. Portanto, a retomada do discurso de responsabilidade do cidadão em participar das atividades políticas já não teve tanta força quanto em 2013.

É importante destacar que nos dois anos nenhum tema teve um destaque tão grande em relação aos outros. Muito se fala na falta de fortes lideranças em ambas as manifestações. Porém,

---

<sup>16</sup> Dados disponíveis em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604284-47-foram-a-avenida-paulista-em-15-de-marco-protostar-contra-a-corrupcao.shtml>>. Acesso em 26/05/2015.

os problemas sociais e políticos que protagonizam a história brasileira há anos é um fato que influencia essa divergência de causas reivindicadas. Hirschman (1992, p.140) afirma que “É pouco provável que um povo que ainda ontem estava mergulhado em lutas fraticidas se acomode da noite para o dia ao toma-lá-dá-cá das deliberações construtivas. É muito mais provável que no início eles concordem em discordar [...]”. Portanto, o ato de manifestar uma oposição ao governo, sem se concentrar em causas específicas, pode ser também o reflexo da recente democracia brasileira.

Por fim, é relevante ressaltar a diferença na produção dos cartazes. Segundo Orlandi (2007, p. 72) “[...] a análise do discurso não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso.”. Ou seja, todos os elementos que fazem parte do contexto no qual estão inseridos os cartazes são partes essenciais para a compreensão dos discursos presentes nos mesmos. Nota-se que em junho de 2013 a maioria dos cartazes foram escritos manualmente nas próprias cartolinas, o que pode ser explicado pela falta de planejamento com que aconteceram tais manifestações e até mesmo pela urgência das pautas reivindicadas naquele momento. A jornada teve início devido ao aumento dos vinte centavos no transporte público em algumas cidades, o que desencadeou em diversas outras manifestações em todo o Brasil durante vários dias seguidos. Já em 2015, muitos cartazes foram produzidos em gráficas, com materiais diferentes dos habituais, e em grande quantidade para que fossem distribuídos entre os manifestantes. Essa situação só foi possível em virtude das manifestações de março e abril terem sido organizadas com antecedência.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou compreender as principais reivindicações das manifestações em junho de 2013 e março de 2015 no Brasil. No esforço por obter essas respostas, estudou-se, primeiramente, o papel da comunicação nas atuais práticas de participação popular.

Por meio desses estudos percebeu-se que as novas tecnologias de comunicação, como as mídias sociais, transformaram a forma como ocorre a organização da sociedade civil atualmente. Tais mídias possibilitaram mais interatividade e facilidade na mobilização de grupos com interesses em comum. Dentre suas características é importante destacar a sua comunicação descentralizada, colaborativa e pouco hierarquizada, o seu alto poder de alcance, bem como sua velocidade. Além dessas particularidades que facilitam as mobilizações nas mídias sociais, a sua

utilização também levou ao empoderamento dos cidadãos comuns que agora não se sentem mais dependentes de meios de comunicação tradicionais, como a televisão e o rádio, para lutar pelas mudanças almejadas.

No entanto, foi a leitura dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015 que motivou a realização deste artigo, o que resultou, igualmente, em um estudo dessa mídia diante da atual participação popular. No caso das manifestações, a sua função principal é a de propaganda, a qual é responsável por evidenciar as causas políticas e ideológicas pelas quais se está manifestando. Essa função faz do cartaz um mecanismo social quando inserido nesse contexto, além de ser um meio fundamental para que se compreenda as reais causas da insatisfação popular e suas principais demandas.

A presença desses novos e antigos meios de comunicação nas manifestações é o que caracteriza a atual convergência midiática. Logo, mesmo que o surgimento de novas tecnologias tenha modificado a organização da sociedade civil, essas práticas não se limitam apenas à utilização de tais mídias. Ainda hoje práticas antigas, como a produção de cartazes, são significativas e essenciais para a participação popular.

A partir da análise de conteúdo dos cartazes foi possível constatar as principais temáticas que motivaram as duas recentes grandes manifestações do Brasil e, posteriormente, interpretar esses resultados por meio da análise de discurso. Em 2013 é importante contextualizar o início das manifestações com dois acontecimentos: o aumento dos vinte centavos nas tarifas de ônibus e a abertura da Copa das Confederações. O investimento na Copa do Mundo e a habitual negligência do Estado com os direitos básicos dos cidadãos foram os fatores que levaram às diversas reivindicações de políticas públicas específicas pelos manifestantes. A violência com que foram recebidas essas manifestações também foi uma das causas que motivou a criação de diversos cartazes com apoio ao direito de manifestar-se, além do sentimento de empoderamento criado pela utilização das mídias sociais. Apesar de uma notória insatisfação com o atual governo, foi possível identificar que esse descontentamento estava mais relacionado à política estabelecida, desde FHC, pelo Estado, situação que também foi influente diante da ausência de discursos pró *impeachment* ou intervenção militar. Já as causas referentes à indignação com os atos de corrupção também não tiveram uma grande aderência, possivelmente pelo fato de que nesse período não estava em destaque nenhum caso de corrupção.

As manifestações do dia 15 de março de 2015 que tomaram conta de todo o Brasil estavam ligadas a dois fatores principais: o escândalo de corrupção envolvendo a Petrobras e as crises política e econômica vivenciadas pelo país. Em vista disso, o tema com maior frequência nos cartazes foi a indignação com a corrupção e impunidade no país. Diante desses escândalos, da situação econômica e da recente e disputada eleição, a insatisfação com o governo esteve muito mais relacionada à própria presidenta Dilma. Essa rejeição também pôde ser percebida nos cartazes que manifestavam apoio ao *impeachment* ou à intervenção militar. Já os temas relacionados ao apoio às manifestações e às reivindicações de políticas públicas tiveram uma presença muito menor do que em 2013, situação que foi relacionada ao diferente público presente nas duas manifestações, visto que na jornada de junho as mobilizações começaram a partir de movimentos muito articulados e que contavam com o apoio dos estudantes, enquanto em 2015 as manifestações surgiram de uma insatisfação geral, principalmente de classes com maior renda.

Apesar das duas manifestações compartilharem características, como a utilização de meios de comunicação para mobilizações de grupos e para manifestar as causas reivindicadas, as suas motivações foram bastante diferentes. Esses resultados são consequências dos cenários políticos, econômicos e sociais nos quais esses fenômenos aconteceram. Quando se fala em crise, portanto, trata-se da grande insatisfação popular com o governo, reflexo dessas duas grandes manifestações que levaram multidões às ruas em 2013 e 2015, apesar das causas diferentes.

Compreende-se, portanto, que as manifestações são práticas de participação popular essenciais para que se conquistem as mudanças almejadas pela sociedade civil. É fundamental, porém, investigar as reais motivações da insatisfação popular, pois é por meio dessas interpretações que se torna possível pensar em políticas públicas que solucionem as demandas populares e busquem melhorias para a sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Fim da letargia**. Boitempo Editorial, São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/21/fim-da-letargia/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. ed. Lisboa: Edições 70, LDA, 1977.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.



HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da Intransigência: Perversidade, Futilidade, Ameaça.** ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1992.

JENKIS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2ª ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** ed. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda, 2013.

MARTINS, Carlos Eduardo. **A “Primavera” brasileira e seu contexto sócio-político.** Boitempo Editorial, São Paulo, 08 jul. 2013. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/08/a-primavera-brasileira-que-flores-florescerao/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

MARTINS COSTA, Luciano. **O cenário do escândalo.** Observatório da Imprensa, São Paulo, 05 fev. 2015. Disponível em: <[http://observatoriodaimpresa.com.br/jornal-de-debates/o\\_cenario\\_do\\_escandalo/](http://observatoriodaimpresa.com.br/jornal-de-debates/o_cenario_do_escandalo/)>. Acesso em: 19 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **A matriz de todos os escândalos.** Observatório da Imprensa, São Paulo, 06 fev. 2015. Disponível em: <[http://observatoriodaimpresa.com.br/jornal-de-debates/a\\_matriz\\_de\\_todos\\_os\\_escandalos/](http://observatoriodaimpresa.com.br/jornal-de-debates/a_matriz_de_todos_os_escandalos/)>. Acesso em: 19 jun. 2015.

MOLES, Abraham. **O cartaz.** ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.

MONTORO, Tânia. **Comunicação, Cultura, Cidadania e Mobilização Social.** Série Mobilização Social Volume II. ed. Brasília: Editora UnB, 1997.

MUSSE, Ricardo. **A potência das manifestações de rua.** Boitempo Editorial, São Paulo, 10 jul. 2013. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/10/a-potencia-das-manifestacoes-de-rua/>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

SCHERER-WARREN, I. Das Mobilizações às redes de Movimentos Sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

VIEIRA, V. O papel da comunicação digital na primavera árabe: apropriação e mobilização social. In: CONGRESSO DA COMPOLÍTICA, 5., 2013, Curitiba.